

FAGULHA



EDIÇÃO N°11

@FAGULHA_JORNAL

31 JULHO 2025

PARA QUE SERVE A FILOSOFIA?

Certa vez, um aluno me perguntou: "Você sabe o que é tumbero?". Respondi que não, e ele explicou: "Vem da palavra tumba, porque nós, os presos, estamos mortos em vida". Há muito tempo venho refletindo sobre os desafios pedagógicos do ensino em contextos de privação de liberdade - as ferramentas a construir, os dispositivos a desconstruir, as contradições a enfrentar. Ainda assim, tudo desmorona quando volto àquela afirmação de meu aluno. De que maneira é possível intervir, como docentes, numa realidade que parece inexistente, porque é uma morte em vida, uma vida em pausa, uma existência suspensa. Aqui penso na metáfora do sudário de Penélope: Em A Odisseia, de Homero, Penélope tenta evitar a imposição de se casar com

"DESFAZER A MORTE
ANTECIPADA QUE
HABITA CADA CELA"



outro homem durante a longa ausência de Ulisses. Para ganhar tempo, declara que escolherá um novo esposo assim que terminar de tecer o sudário destinado ao sogro, Laertes. Contudo, todas as noites ela desfaz em segredo o que teceu durante o dia, conseguindo assim adiar a decisão e manter afastados os pretendentes. Frequentemente penso em nossa atuação como docentes como esse sudário que se desfaz durante a noite. Sabemos que não poderemos resolver o problema da desigualdade estrutural, nem oferecer todas as soluções que eles precisam. Mas o que podemos, sim, fazer, é desfazer pouco a pouco essa morte antecipada que habita cada cela - e abrir um espaço onde ainda haja vida, filosofia, uma resposta possível. Autora: Azul Sofia Balmaceda (Buenos Aires, Argentina)

FAGULHA



EDIÇÃO N°11

@FAGULHA_JORNAL

31 JULHO 2025

OLHAR POPULAR

Ao despertar com a luz da manhã atravessando a janela, somos lembrados de que toda posição, inclusive a suposta neutralidade, é política. Assim, o discurso da neutralidade revela-se falacioso ao ignorar que não há lugar fora das disputas de poder e das estruturas ideológicas que organizam a vida social. Em uma sociedade marcada pelas desigualdades, a omissão é um posicionamento a favor do opressor. Devemos nos lembrar da citação do pastor luterano Martin Niemöller: “Primeiro eles vieram buscar os socialistas, e eu fiquei calado, porque não era socialista. Então vieram buscar os sindicalistas, e eu fiquei calado, porque não era sindicalista. Em seguida vieram buscar os judeus, e eu fiquei calado, porque não era judeu. Foi então que vieram me buscar - e já não havia mais ninguém para me defender”. Niemöller, que inicialmente simpatizava com o nazismo, tornou-se um crítico



ferrenho de Hitler. Acabou enviado a prisões e campos de concentração, onde permaneceu até o fim da guerra. A frase citada, proferida em um de seus discursos públicos, pode ser compreendida como uma denúncia contundente do apartidarismo: essa neutralidade que se converte em cumplicidade, permitindo ao opressor continuar a oprimir. Foi assim na Alemanha dos anos 1930, quando o silêncio de tantos cidadãos diante do regime nazista os tornou cúmplices de perseguições, prisões e do genocídio de milhões de pessoas. O silêncio, às vezes, não é apenas ausência de voz: é adesão disfarçada e recuo moral. Autores: Caique Augusto, Luís Santos, Leonardo Bergamo.

FAGULHA



EDIÇÃO N°11

@FAGULHA_JORNAL

31 JULHO 2025

POLÍTICA EM DEBATE

O momento atual derrubou as máscaras que ainda restavam. Ficou evidente que uma parte significativa da classe política brasileira, seja por má-fé ou por ingenuidade, atua de forma abertamente antinacional. O tão alardeado patriotismo revelou-se, na prática, um simulacro: não se trata de amor genuíno ao país, mas de um nacionalismo vazio, limitado a cores, hinos e slogans. Um discurso emocionalmente potente, mas que, na prática, é utilizado apenas para mobilizar a população enquanto os interesses nacionais são negociados em nome de conveniências privadas e alinhamentos externos. A bandeira é exibida com orgulho, mas as decisões seguem orientadas por agendas estrangeiras. Esse tipo de antinacionalismo, no entanto, não é exclusividade da direita. Também na esquerda institucional há um verniz progressista que encobre uma prática

igualmente dependente. A ausência de um projeto consistente de reindustrialização, a entrega da infraestrutura digital a grandes grupos estrangeiros e a busca por afinidade com o Partido Democrata dos Estados Unidos demonstram uma visão limitada sobre soberania. Ignora-se que, no capitalismo global, potências como os Estados Unidos operam para manter sua hegemonia a qualquer custo. É preciso romper com a lógica da dependência e construir um projeto verdadeiramente nacional e soberano. Autores: Alaércio Bremmer, Rafaela Rodrigues, Jean Tavares.



FAGULHA



EDIÇÃO N°11

@FAGULHA_JORNAL

31 JULHO 2025

VOCÊ CONHECE?

É possível, na sociedade atual, fugir do âmbito do corpo de mercadoria? De acordo com Robert Kurz (1943-2012), principal autor da Wertkritik e do pós-marxismo, não. Kurz chama a modernidade em que vivemos de totalitarismo da mercadoria, no qual as relações já não ocorrem apenas entre sujeitos concretos, mas entre sujeitos e o corpo de mercadoria - com os primeiros tornando-se também, em parte, mercadoria. Assim sendo, nada nem ninguém consegue escapar ao domínio da abstração do valor. No capitalismo - essa criação do processo modernizador - mesmo a noção de identidade nacional ou cultural que exibimos implica a dinâmica da valorização capitalista, pois a identidade explicita uma necessidade incontornável de estabilidade fixa, algo que não é possível no mundo real. Kurz descreve que as mudanças de tudo e de todos são inevitáveis, o que observamos no desenvolvimento de suas identidades.



A necessidade de nos denominarmos alguma coisa a partir de nossa nacionalidade expressa o desejo por segurança, partindo da abstração do valor em seu cerne identitário. Tanto as ideologias quanto as nações partem daí: da base de uma identidade nula, que é primeiro manifestada no monetário. Kurz enfatizava que o que produzia tratava-se de uma “teoria vira-lata”, tendo em vista que não possuía formação acadêmica alguma e não passava de um taxista que vendia jornal à noite. Autores: Yohana Almeida, Jonas Dudzic, Samuel Cardoso.

FAGULHA



EDIÇÃO N°11

@FAGULHA_JORNAL

31 JULHO 2025

LABIRINTO

LIGUE O NOME DA/DO FILÓSOFA/O COM O CONCEITO CRIADO
OU REINVENTADO POR ELA/ELE:

THEODOR ADORNO *

* AURA DA OBRA DE ARTE

LÉLIA GONZALEZ *

* ATARAXIA

EPICURO *

* INDÚSTRIA CULTURAL

WALTER BENJAMIN *

* LIVRE-ARBÍTRIO

KARL MARX *

* TEORIA QUEER

AGOSTINHO DE HIPONA *

* AMÉFRICA LADINA

JUDITH BUTLER *

* FETICHE DA MERCADORIA

AUTORA: MARIA LOPES.

FAGULHA



EDIÇÃO N°11

@FAGULHA_JORNAL

31 JULHO 2025

ARRUAÇA

Vozes de concreto e esperança

*Nos muros riscados pelo peso do tempo,
moram as histórias que o sistema insiste
em calar.*

*Há futuro nas mãos jovens que tapam
buracos; há força nos pés cansados que
se recusam a parar.*

*Cada rosto marcado pela jornada é
estandarte de sonhos coletivos.*

*E, na voz que corta o medo e a
indiferença, reside o brado de corações
ativos.*

*Tua presença - lata ruim, fio solto, roupa
surrada - revela o povo inteiro que se
recusa a sumir.*

*A poesia brota do chão empobrecido,
mas planta bandeira, ousa construir.*

*O grito das ruas não é tumulto vazado:
é ciência de quem sabe exigir dignidade.
É verso que denuncia o caos, a fome, o corte...
É mapa claro de cura e liberdade.*

*Há beleza no olhar que conhece cicatriz,
na alma que se levanta contra o descaso.
Porque a força não nasce do conforto,
mas do ato urgente de erguer-se do acaso.*

*Autor: Nicolas Majeski Alves (2º ano do Ensino
Médio, Escola Estadual Básica Colombo Machado
Salles, Três Barras, SC)*



FAGULHA



EDIÇÃO N°11

@FAGULHA_JORNAL

31 JULHO 2025

FILOSOFINHAS/OS

Falar em vida sempre nos leva a questionar: de qual vida estamos falando? Geralmente, da vida humana. Nosso propósito é refletir sobre a vida animal e sobre como nós, humanos, enxergamos e cuidamos de nossos companheiros na Terra. É comum falarmos que adoramos animais e, em seguida, citarmos cães, gatos, coelhos, passarinhos. Mas poucos citam cobras, sapos, lagartos ou centopeias; estes são vistos como "nojentos", e nossa empatia raramente os alcança. Esses animais não domésticos são afastados a uma distância tão grande que parece "justificável" odiá-los e até mesmo desejar suas mortes. Aliás, essa ira contra animais por parte do humano, infelizmente, é bem comum, inclusive com o melhor amigo do homem. Quando um cachorro fica com medo e late, morde, ou quando um gato teme a dor e arranha, a ira aparece em forma de punição aos pequenos. Podemos



trazer uma questão para refletir: como você se sentiria se te machucassem sem motivo? Para nosso cãozinho ou gatinho, que supomos não entender nossa linguagem, essa ira ou raiva é sem motivo. Os animais também sentem; sentem medo, dor, prazer e violamos os direitos dos animais que amamos quando infringimos seus limites. Será que sabemos realmente amar e respeitar os animais não humanos? Será que é mais fácil amar e respeitar cães e gatos do que os outros animais? Lagartos, lagartixas, sapos, aranhas etc.? Estes não merecem nosso respeito? Será que nosso respeito e empatia estão conectados apenas à fofura e beleza animal? Será que nosso respeito e empatia estão ligados à utilidade dos animais? Se sim, que tipo de pessoas somos nós? Autoras: Helô, Cris, Dani.

FAGULHA



EDIÇÃO N°11

@FAGULHA_JORNAL

31 JULHO 2025

FILOSOFIA ILUSTRADA



AUTORES:
BRENDA ZAHRA,
LEVI.